

O Uso da Internet na Busca e Compartilhamento do Conhecimento: O Entendimento do Professor

**Leomar dos Santos
Edson Roberto Scharf
Leila Amaral Gontijo
Eduardo Juan Soriano-Sierra**

RESUMO

As novas tecnologias de informação e da comunicação estão presentes em todas as áreas do conhecimento e rapidamente chegaram às Universidades. Os ingressantes do ensino superior conhecem as novas tecnologias, incorporadas que são ao seu cotidiano, tal qual o resultado de uma onda telemática, já que seus modelos cognitivos lhes permitem lidar com as tecnologias com grande facilidade. O processo de democratização do saber e do compartilhamento do conhecimento está obrigando a universidade a repensar o ensino, principalmente a partir da introdução da internet. Isso implica numa nova postura pedagógica, principalmente em como trabalhar a prática pedagógica utilizando a internet e ambientes interativos de produção e compartilhamento do conhecimento. Este estudo objetiva sugerir que a utilização da internet e outros meios de compartilhamento do conhecimento podem não estar sendo aproveitados de maneira adequada pelos professores e, conseqüentemente, por seus alunos, considerando o que conceitua a Gestão do Conhecimento. Através da análise de pesquisa em uma universidade de destaque no estado de Santa Catarina, entendeu-se que os professores percebem a ferramenta como indispensável no cotidiano, que observam a larga utilização por parte dos alunos, que têm alguma ressalva com relação a qualidade das informações e que o seu próprio uso da ferramenta também é constante.

Palavras-Chave: Gestão do Conhecimento. Aprendizagem. Internet.

1 INTRODUÇÃO

As novas tecnologias de informação estão presentes em todas as áreas do conhecimento e com o avanço das facilidades da educação a distância, elas chegaram às Universidades.

Atualmente, os jovens que ingressam no ensino superior trazem consigo algum conhecimento das novas tecnologias da informação e da comunicação, incorporadas que são ao seu cotidiano. Em verdade, eles são o resultado de uma onda telemática, e seus modelos cognitivos lhes permitem lidar com as tecnologias com grande facilidade.

O processo de democratização do saber e do compartilhamento do conhecimento está obrigando a tomada de posição no sentido de repensar a educação, principalmente a partir da introdução da internet.

Isso implica numa nova postura pedagógica, principalmente em como trabalhar a prática pedagógica utilizando a internet e ambientes interativos de produção e compartilhamento do conhecimento.

Este estudo objetiva sugerir que a utilização da internet e outros meios de compartilhamento do conhecimento podem não estar sendo aproveitados de maneira adequada pelos professores e, conseqüentemente, por seus alunos, considerando o que conceitua a Gestão do Conhecimento. Ao mesmo tempo em que os alunos já nascem e crescem usando tecnologias variadas, o seu uso em sala de aula pode, por várias razões, não estar sendo utilizada em toda a sua plenitude. Objetivando entender melhor esta relação de produção e compartilhamento do conhecimento através da internet, na percepção dos professores, foi analisada uma pesquisa realizada para este fim em uma universidade de destaque no estado de Santa Catarina, instituição esta com cursos que são referência no ensino em todo o país.

Neste sentido, e entendendo a internet como uma ferramenta indispensável à busca e ao compartilhamento do conhecimento, os resultados deste estudo deveriam servir para estimular o aprendizado por parte dos alunos, independente da racionalidade ou abrangência. É possível, porém, que por razões variadas, os professores não utilizem adequadamente a ferramenta internet em sala de aula, um espaço entendido como ideal para discussão, compartilhamento do conhecimento e aprendizado conjuntos.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 APRENDIZAGEM

Professores e alunos têm no capital intelectual seu maior patrimônio e, ao mesmo tempo, seu maior desafio. O conhecimento, especialmente em organizações como as instituições de ensino superior, não é apenas fundamental: ele é a própria instituição. Como desafio, o conhecimento se apresenta quando ele não é compartilhado entre os professores ou entre estes e os alunos.

Stewart (1998) denomina o capital intelectual de uma organização de *ouro oculto*, com a explicação de que é aquilo que não é possível enxergar fisicamente, mas esta lá, internalizado em cada indivíduo e, muitas vezes, exposto através do sucesso que a empresa atinge em seu mercado de atuação com o auxílio dele.

Do ponto de vista da gestão empresarial e da Gestão do Conhecimento, por conseguinte, Bessant (1999) propõe que o aprendizado seja entendido como um processo que envolve uma combinação de experiência, reflexão, formação de conceitos e experimentação.

De acordo com o autor, três são os componentes envolvidos no processo: o primeiro é a acumulação e desenvolvimento de competências centrais, que diferencia as empresas ou pessoas entre si, com oferta ou não de possíveis vantagens competitivas. O segundo é a dimensão temporal: o aprendizado envolve um processo de longo prazo. O terceiro componente do aprendizado é sua idiossincrasia: os processos de aprendizado são próprios das organizações e seus ambientes e dificilmente replicáveis por outras.

Neste sentido, o autor aponta algumas características do aprendizado:

- . que o mesmo não é automático: é necessário investimento explícito para aprender;
- . o aprendizado pode envolver o domínio e a mudança desde tarefas corriqueiras até processos mais intensivos em conhecimento e grandes transformações;
- . aprender a aprender é prioritário e envolve componentes formais e componentes tácitos.

Especialmente este último tópico, aprender a aprender, deve ter atenção redobrada em relação ao conceito de poluição informacional, de Virilio (1996), que adverte para os riscos do excesso de informação e da pouca seleção do que é lido ou visto. Os professores, no ímpeto de não perder informação e, eventualmente, não saber responder determinado assunto em sala

de aula, podem padecer deste mal. E, de forma inteligente, saber descartar o que não é importante vem com muito treino e consciência.

De acordo com Bennis e O'Toole (2006) a própria seleção dos professores é feita com base na quantidade de conhecimento existente. Relatam que *"...um reitor pode até dizer que deseja um professor voltado à prática, mas a escola premia a pesquisa científica destinada a agradar a Academia."* E afirmam que ao recrutar e promover quem publica em revistas especializadas ou periódicos, as escolas montam um corpo docente formado por indivíduos cuja principal aspiração profissional é uma carreira dedicada à ciência. E concluem, afirmando que *"...hoje é possível encontrar professores titulares de Administração, por exemplo, que jamais puseram os pés numa empresa de verdade, exceto como clientes."*

Portanto, a internet pode ser um dos meios que aproxima a aprendizagem teórica do uso prático, principalmente por sua rapidez de acesso e compartilhamento.

A importância econômica do aprendizado está associada não só a novos produtos ou processos, mas aos novos requisitos quanto a maneiras de garantir o valor a estes recursos. Lastres e Albagli (1999) defendem dois deles:

- . informação e conhecimento são recursos intangíveis, não-materiais e, portanto, não-esgotáveis e não-deterioráveis. Seu consumo não os destrói e seu descarte não deixa vestígios físicos; e

- . diferentemente dos produtos industrializados, os bens e serviços da economia do conhecimento (um software, por exemplo), uma vez produzidos ou criados, podem ser reproduzidos a custos irrelevantes.

Contrariamente às teorias e artigos clássicos sobre conhecimento e aprendizagem, Prange (2001) afirma que a aprendizagem organizacional é usada principalmente com um sentido metafórico. Entende que o uso de metáforas é que pode ter valor prático, porque o leitor será sensibilizado com as várias possibilidades de interpretar o mundo. E conclui dizendo que as teorias de aprendizagem organizacional proporcionam "lentes" e não ferramentas.

Nas disciplinas em que estudos de caso, abordagens qualitativas de situações de mercado ou apresentação de artigos com interpretações não-lógicas são necessários, as citadas lentes são ainda mais visíveis e importantes. O uso de artigos científicos em sala de aula, portanto, como forma de disseminação do conhecimento para o crescimento pessoal ou organizacional é fundamental.

Huysman (2001) comenta que a maior parte da literatura sobre aprendizagem traz o aperfeiçoamento, a inteligência e o saber como os principais resultados deste processo, o que significa dizer que ela está sendo definida a partir dos seus resultados. E, ao ser tratado desta forma, deixa de lado a questão da dinâmica de como as pessoas ou organizações aprendem, já que o foco é outro. É como se o professor, ao levar um artigo para discussão em sala de aula, de antemão informasse aos alunos qual o resultado esperado com o estudo, ao invés de prover a equipe de condições para o desenvolvimento pessoal e individual.

De qualquer modo, a aprendizagem deve ser despertada nas pessoas como forma de diferenciá-las entre si e criar capacidades em áreas distintas. Senge (1990) argumenta que o propósito do processo de aprendizagem é desenvolver a capacidade de um pensamento sistêmico, e este requer uma mudança de paradigmas mentais, com o fito de ver o mundo sob uma nova forma. É na busca de novas maneiras de pensar e de novas atitudes frente ao mundo, que o processo de aprendizado demonstra o seu foco nas capacidades latentes de cada indivíduo. É necessário expandir a inteligência, as capacidades e as habilidades de cada pessoa, ajustando-se ou não aos objetivos organizacionais. No caso da universidade, em relação à redação de artigos científicos, o professor necessariamente tem como foco, durante o desenvolvimento do estudo, demonstrar algo a alguém e, via de regra, isto deveria passar pelos seus alunos, através da divulgação, estudo em profundidade, discussão e revisão de conclusões, como forma de, mais uma vez, desenvolver o aprendizado.

2.2. GESTÃO DO CONHECIMENTO

Conforme Terra (apud Fleury e Oliveira, 2001), a Gestão do Conhecimento nas organizações passa obrigatoriamente pela compreensão das características e demandas do ambiente competitivo. Estamos vivendo em um ambiente cada vez mais turbulento, em que vantagens competitivas precisam ser permanentemente reinventadas, pois setores de baixa intensidade em tecnologia e conhecimento perdem participação econômica.

Então aqui, cada vez de forma mais forte e estruturada, a Gestão do Conhecimento que, de acordo com Fleury e Oliveira (2001), implica na adoção de práticas gerenciais compatíveis com a criação e aprendizado individual e, também, na coordenação sistêmica de esforços nos planos organizacional, individual, estratégico e operacional.

De acordo com Rossatto (2003), a gestão do conhecimento não acontece sem a participação ativa dos indivíduos e da própria empresa. Enquanto os primeiros são os atores principais desse processo, cabe à empresa executar algumas ações e tomar iniciativas para garantir todas as suas etapas. Essas ações, juntamente com a implantação de pontos estratégicos, dependem de uma infra-estrutura humana e tecnológica que as suporte.

Conforme Terra (2004), implantar Gestão do Conhecimento pode significar a utilização de uma grande variedade de ferramentas. O primeiro grande desafio, pode ser a identificação clara e específica das bases de conhecimento que uma organização precisa realmente gerir de forma sistemática, metódica e estratégica, canalizando para isso recursos humanos, financeiros e tecnológicos.

Maia (2003) afirma que a necessidade real de implantação de sistemas de Gestão do Conhecimento não surge apenas do corpo diretivo da empresa mas, principalmente, do seu quadro de funcionários, que cada vez mais precisam entender o todo, o papel de cada um dentro desse todo, as metas estabelecidas e as estratégias para atingi-las.

E continua o seu raciocínio, dizendo que “...mais especificamente as instituições de ensino superior, não fogem a essa regra e hoje necessitam de uma administração cada vez mais profissionalizada, o que requer ferramentas de gestão que facilitem e agilizem os processos e o entendimento do todo.” É, na opinião da autora, uma questão de sobrevivência e inteligência competitiva.

E continua o seu raciocínio, dizendo que “... mais especificamente as instituições de ensino superior, não fogem a essa regra e hoje necessitam de uma administração cada vez mais profissionalizada, o que requer ferramentas de gestão que facilitem e agilizem os processos e o entendimento do todo.” É, na opinião da autora, uma questão de sobrevivência e inteligência competitiva.

Sendo altamente complexo e por possuir alicerces estratégicos, responsável por definir características organizacionais e por criar condições capacitadoras que direcionem o funcionamento da empresa e garantam seu crescimento, o processo de gestão do conhecimento deve ser enquadrado na estrutura organizacional numa única área estratégica que seja independente daquelas diretamente relacionadas com as atividades meio e fim da empresa. Logo, todos os seus alicerces e elementos fundamentais devem ser agrupados nessa área, denominada Área de Gestão de Conhecimento, responsável por gerir e disponibilizar todos os ativos intangíveis diretamente relacionados aos capitais intelectual, estrutural e de relacionamento da empresa.

De acordo com Nonaka e Takeuchi (1997), explanam a estrutura conceitual básica do conhecimento com base em duas dimensões – epistemológica e ontológica. Pela dimensão ontológica, em termos restritos, o conhecimento só é criado por indivíduos. Uma organização não pode criar conhecimento sem indivíduos, em que estes, quando criativos, são apoiados ou lhes é proporcionado contextos para a criação do conhecimento. A criação do conhecimento

organizacional é um processo que amplia em toda a organização o conhecimento criado pelos indivíduos, cristalizando-os como parte da rede de conhecimentos da organização.

A dimensão epistemológica baseia-se na distinção entre conhecimento tácito e explícito. O conhecimento tácito é pessoal, específico ao contexto e difícil de ser formulado e comunicado. O conhecimento explícito refere-se ao conhecimento possível de ser transmitido em linguagem formal e sistemática.

Para Nonaka e Takeuchi (1997), os conhecimentos tácito e explícito não são entidades totalmente separadas e sim mutuamente complementares. Interagem um com o outro e realizam trocas nas atividades criativas dos seres humanos. É pressuposto deles de que o conhecimento humano em criado e expandido através da interação social entre os conhecimentos explícito e tácito.

Esta interação é denominada por Nonaka e Takeuchi (1997) de “*conversão do conhecimento*” processo onde os conhecimentos tácito e explícito se expandem tanto em termos de qualidade quanto de quantidade. Ainda com relação à gestão do conhecimento, define-se que “...o conhecimento é identificado com a crença produzida (ou sustentada) pela informação”. Assim sendo, a informação pode ser vista de duas perspectivas: a informação sintática (ou volume de informações) e a informação semântica (ou o significado).

Geus (*apud* Nonaka e Takeuchi, 1997) afirma que “...a questão, portanto, não é se a empresa vai aprender, mas se ela aprenderá rápido e cedo o bastante. A pergunta crucial é: podemos acelerar o aprendizado nas empresas?”. Defende-se que o único aprendizado relevante numa empresa é o aprendizado daquelas pessoas dentro da empresa que têm poder para agir. Em especial quando se refere aos clientes, em que enfatiza que o ponto de partida do processo deve ser o modelo mental atual que o público tem naquele momento.

É preciso captar os modelos que estão nas mentes das pessoas, que quase certamente, na visão do autor, não representam o mundo real. Para o aprendizado, porém, não é a realidade que importa, mas o modelo de realidade na mente da equipe, modelo que mudará à medida que o entendimento que os membros têm de seus mundos for se aperfeiçoando.

Terra (2001) afirma que a Gestão do Conhecimento pode ser compreendida se utilizando do que ele denomina as sete dimensões da prática gerencial:

. *alta administração*: seu papel é fundamental na definição dos campos de conhecimento nos quais a equipe deve focar seu aprendizado e na facilitação do entendimento da estratégia empresarial;

. *cultura organizacional*: deve ser voltada à inovação, experimentação e aprendizado contínuo, com a observação dos resultados a longo prazo;

. *estruturas organizacionais*: as novas estruturas, voltadas à superação dos limites da inovação, ao aprendizado contínuo e à geração de novos conhecimento, devem estar baseadas no trabalho de equipes multidisciplinares;

. *políticas de administração de recursos humanos*: práticas e políticas associadas à aquisição de conhecimentos externos e internos à empresa.

. *sistemas de informação*: básicos no seu uso como estrutura mas dependentes de contato pessoal e do conhecimento tácito nos processos de aprendizado organizacional;

. *mensuração de resultados*: perspectivas múltiplas de avaliação, em especial na avaliação do capital intelectual;

. *aprendizado com o ambiente*: a relação com o meio, principalmente por meio de alianças com outras empresas e com o relacionamento com os clientes.

Portanto, não é da quantidade de informações ou de conhecimento que se dispõe que pode ser chamada de Gestão do Conhecimento, mas aquilo que se realiza com este conhecimento, baseado na criação de valor, para a sobrevivência e crescimento no mercado. O professor que escreve artigos deve ter a noção do que é possível conseguir com o estudo posterior dos seus trabalhos, do contrário o conhecimento perde a importância destinada a ele.

Outro detalhe importante é a empresa ser considerada uma organização que aprende. Segundo Garvin (2001) é aquela que se dispõe de habilidades para criar, adquirir e transferir conhecimentos, e é capaz de modificar seu comportamento, de modo a refletir os novos conhecimentos e idéias.

Portanto, é preciso mudanças nos métodos de trabalho, implementação de novas tecnologias, acompanhamento profissional e visão estratégica bem definida quanto às vantagens competitivas desejadas. Do contrário, os esforços de aprendizagem podem ser apenas a melhoria do que já existe, sem mudanças significativas, aquelas que podem ser o elemento diferenciador entre uma empresa líder e outra que corre atrás. Ao se deparar com o universo acadêmico, esta importância aumenta pois conhecimento é a matéria-prima das instituições.

3 MÉTODO

O presente estudo baseou-se na abordagem qualitativa que trabalha com as dimensões que não são passíveis de mensuração, conforme afirma Minayo (1996). A pesquisa qualitativa, pelas técnicas utilizadas, não apresenta ruptura entre a coleta e a interpretação dos dados, segundo Triviños (1992); ao contrário, todo o processo acontece em constante sintonia desde o objeto de estudo, elaboração dos instrumentos de coleta de dados até a literatura acerca das informações obtidas.

A técnica de análise dos dados é a explanatória que, de acordo com Cooper (2003), é aquela que vai além da descrição e tenta explicar as razões para o fenômeno que o estudo descritivo apenas observou. Neste modelo, pode-se buscar teorias ou, ao menos, hipóteses para encontrar as forças que levaram um determinado fenômeno a ocorrer.

Através de um questionário contendo 8 perguntas, com média de 8 possibilidades de resposta e com o uso da escala de Lickert, foi possível aprofundar o conhecimento sobre o uso da internet em sala de aula, a percepção dos professores sobre este e outros instrumentos de ensino, dentre eles Artigos Científicos, Artigos de Revistas, jornais, livros, discussão entre os pares. Foram questionados 43 professores de Administração, com a totalidade de profissionais efetivos do quadro da Universidade e 23 da Engenharia, total maior que 60% dos professores do quadro. A instituição de ensino superior pesquisada, brasileira, é reconhecida no estado de Santa Catarina como uma das universidades de melhor qualidade no ensino-pesquisa-extensão e alavancadora de toda a região em que se situa. Possui aproximadamente 15.000 alunos.

4 RESULTADOS

As questões basicamente apresentaram as opções de resposta de *internet e outros meios*, para as respostas possíveis *inadequado*, *parcialmente adequado*, *adequado*, *muito adequado*, *totalmente adequado* e não sabe.

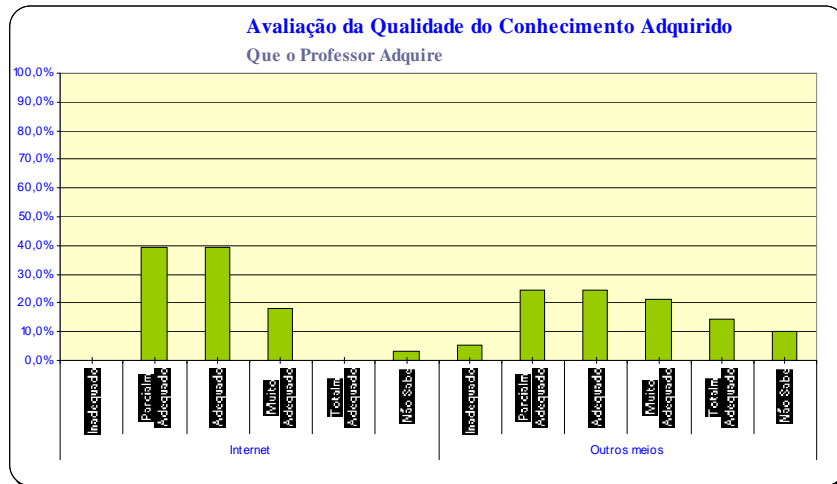


Gráfico 1 – Avaliação da Qualidade do Conhecimento Adquirido – Que o Professor Adquire.

Na **Q1**, onde foi perguntado *como o professor avalia a qualidade do conhecimento que ele próprio adquire na internet em comparação com outros meios*, percebe-se uma proximidade muito grande entre parcialmente adequado e adequado, numa somatória de aproximadamente 80%, e 18% para muito adequado, em comparação com outros meios parcialmente adequado e adequado somam 50%, e muito adequado e totalmente adequado 35%. Isto leva a perceber que os professores ainda têm certa restrição ao uso da internet. Deve ocorrer principalmente pelo entendimento comum de que as informações não são totalmente confiáveis e que, por isto, ainda há baixa qualidade em relação aos outros meios.

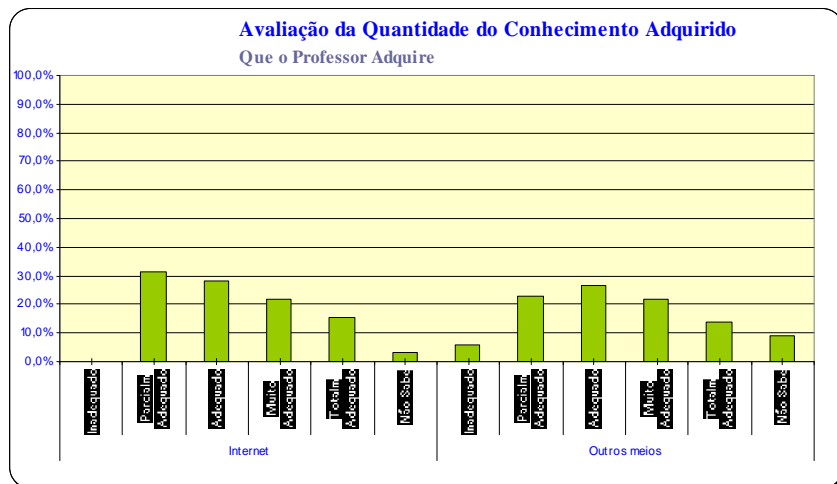


Gráfico 2 – Avaliação da Quantidade do Conhecimento Adquirido – Que o Professor Adquire.

Na **Q2**, onde foi perguntado *como o professor avalia a quantidade do conhecimento que ele adquire na internet em comparação com outros meios*, nos quesitos parcialmente adequado e adequado temos uma soma de 60% e Muito adequado e Totalmente Adequado 37% para a Internet, em comparação com outros meios temos Parcialmente Adequado e Adequado temos uma soma de 48% e Muito adequado e Totalmente Adequado 35%, o que nos leva a depreender que a internet permite uma obtenção maior de conhecimento, em comparação com a **Q1**, ainda que a qualidade seja inferior aos outros meios e mesmo que esta diferença não seja muito significativa .

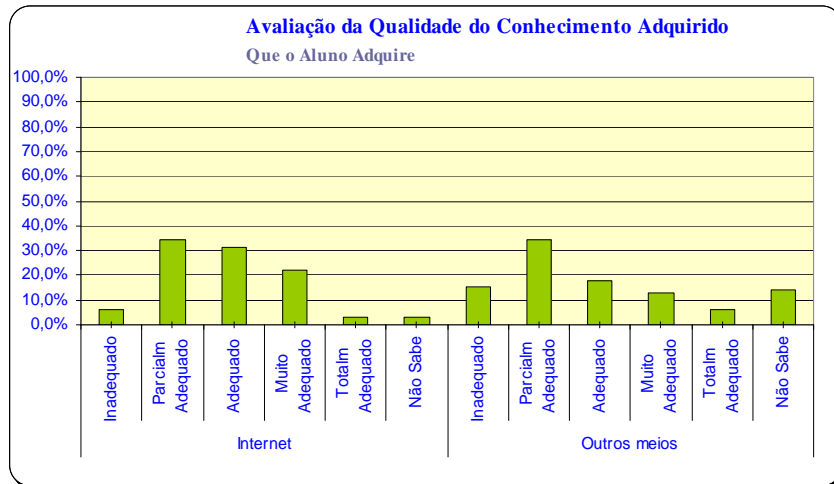


Grafico 3 – Avaliação da Qualidade do Conhecimento Adquirido – Que o Aluno Adquire.

Na **Q3**, onde foi perguntado *como o professor percebe a qualidade do conhecimento que os seus alunos adquirem na internet em comparação com outros meios*, no tópico internet as opções Parcialmente Adequado e Adequado somam 65% e Muito Adequado e Totalmente Adequado 25%; em comparação com outros meios Parcialmente Adequado e Adequado somam 52% e Muito Adequado e Totalmente Adequado 19%, chamando atenção nesta questão o quesito inadequado com 15%; esta questão especificamente levantou uma relação muito interessante pois mostra que na percepção do professor o aluno adquire conhecimento de maior qualidade pela internet do que em outros meios, chamando a atenção a questão do quesito Inadequado para outros meios. Cabe ressaltar que pode ter havido um desvio no entendimento do professor em relação ao maior uso pelo aluno, o que não necessariamente significa maior qualidade.

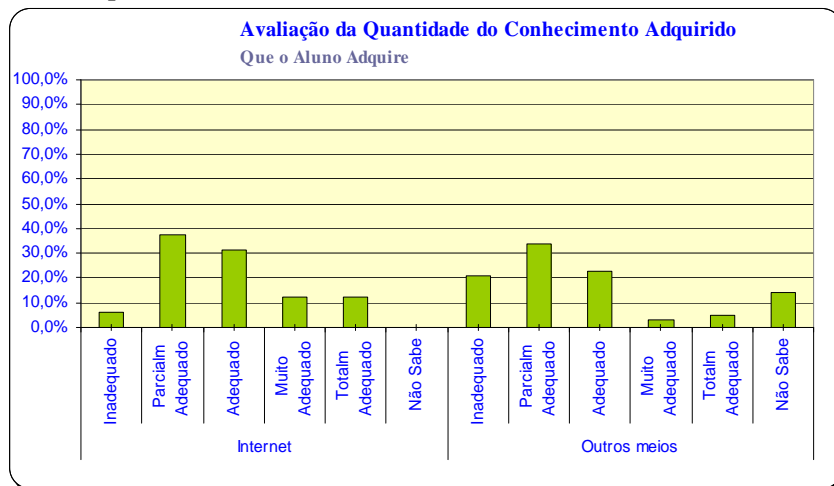


Grafico 4 – Avaliação da Quantidade do Conhecimento Adquirido – Que o Aluno Adquire.

Na **Q4**, onde foi perguntado *como o professor percebe a quantidade do conhecimento que os seus alunos adquirem na internet em comparação com outros meios*, no quesito internet Parcialmente Adequado e Adequado somam 68% e Muito Adequado e Totalmente Adequado 25%; em comparação com outros meios Parcialmente Adequado e Adequado somam 56% e Muito Adequado e Totalmente Adequado 8%, chamando atenção nesta questão o quesito inadequado com 20%; nesta questão é notória a percepção do professor de que o aluno

adquire maior quantidade de conhecimento na internet, visto esta significativamente comprovada com um percentual considerável de inadequado para outros meios.

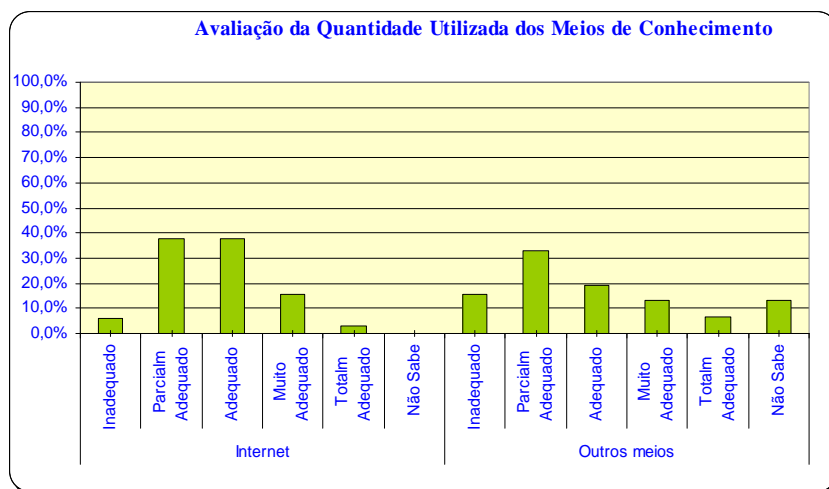


Gráfico 5 – Avaliação da Quantidade Utilizada dos meios de Conhecimento.

Na **Q5**, onde foi perguntado *como o professor percebe a quantidade utilizada de internet em comparação com outros meios de conhecimento*, no tópico internet as respostas Parcialmente Adequado e Adequado somam 75% e Muito Adequado e Totalmente Adequado 19%; em comparação com outros meios Parcialmente Adequado e Adequado somam 52% e Muito Adequado e Totalmente Adequado 20%, chamando atenção nesta questão o quesito inadequado com 16%; a utilização da internet em sala de aula em termos de quantidade é perceptivelmente superior o que significa que a utilização desta como meio de compartilhamento de ensino cresce em uso.

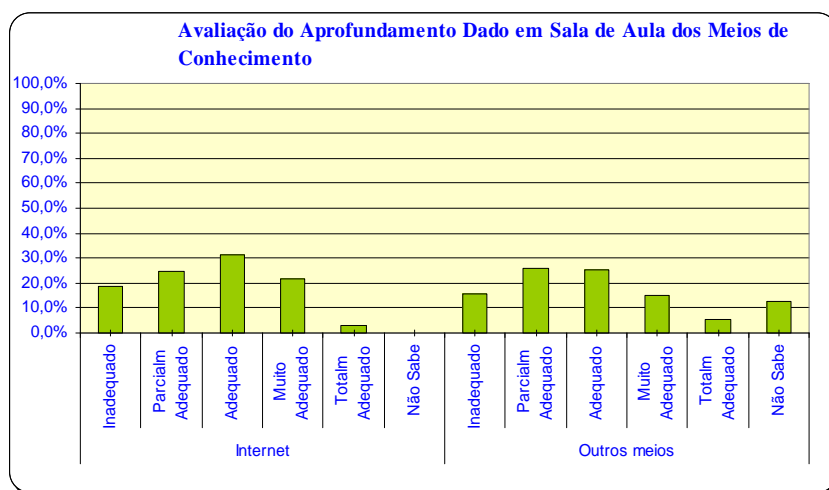


Gráfico 6 – Avaliação do Aprofundamento dado em Sala de Aula dos meios de Conhecimento.

Na **Q6**, onde foi perguntado *como o professor percebe o aprofundamento dado em sala de aula da internet em comparação com outros meios de conhecimento*, no tópico internet as opções Parcialmente Adequado e Adequado somam 56% e Muito Adequado e Totalmente Adequado 25%; em comparação com outros meios Parcialmente Adequado e Adequado somam 51% e Muito Adequado e Totalmente Adequado 20%, chamando atenção nesta questão o quesito inadequado com 16%. Neste caso, especificamente, há um equilíbrio na

percepção do professor, no que se refere ao aprofundamento dado em sala de aula, o que se depreende é que mesmo que a internet tenha um uso maior em termos de quantidade não há o devido aprofundamento. Pode ocorrer em função do próprio entendimento do professor de que a internet não é totalmente confiável ou mesmo que, dadas as possibilidades instantâneas que ela permite, o acesso a diferentes sites torna-se mais comum do que o aprofundamento de determinado ítem de determinada página da net. Além disto, também os alunos têm este hábito, acessando várias páginas ao mesmo tempo e pouco se detendo em cada uma; logo, se o professor se demorar demais em um espaço deixa de ter a atenção dos alunos.

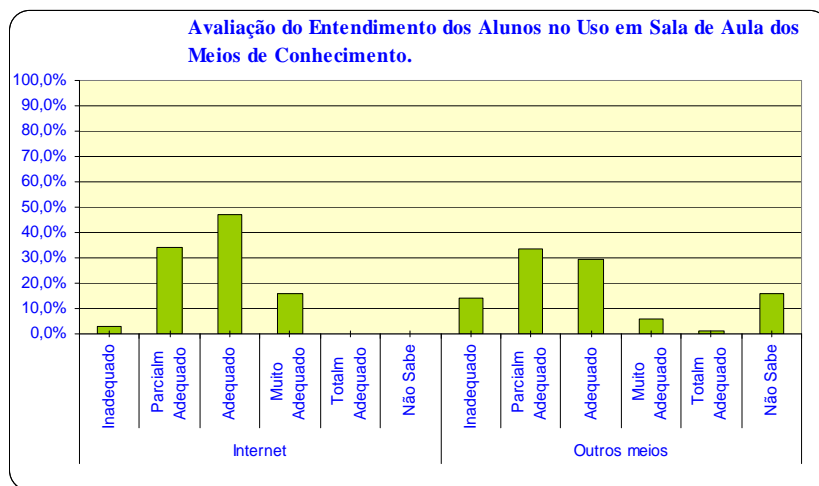


Gráfico 7 – Avaliação do Entendimento dos Alunos do uso em Sala de Aula dos meios de Conhecimento.

Na **Q7**, onde foi perguntado *como o professor percebe o entendimento dos alunos no uso da internet em sala de aula em comparação com outros meios de conhecimento*, no tópico internet as respostas Parcialmente Adequado e Adequado somam 81% e Muito Adequado 16%; em comparação com outros meios Parcialmente Adequado e Adequado somam 65% e Muito Adequado e Totalmente Adequado 7%, sendo que a opção Inadequado ficou com 14% das escolhas. Até por motivos relacionados ao hábito e a disposição dos alunos, normalmente jovens, a percepção do professor quanto ao entendimento do aluno da necessidade de utilização mais expressiva da internet como meio de compartilhamento de conhecimento é grande. A alta quantidade de respostas para a opção Inadequado deve-se, provavelmente, ao fato de os professores estarem cientes do pouco uso, por parte dos alunos, do ambiente virtual de aprendizagem da universidade em estudo, o que pode dar um viés a resposta ou mesmo demonstrar a percepção da falta de interesse pela ferramenta pela parte discente.

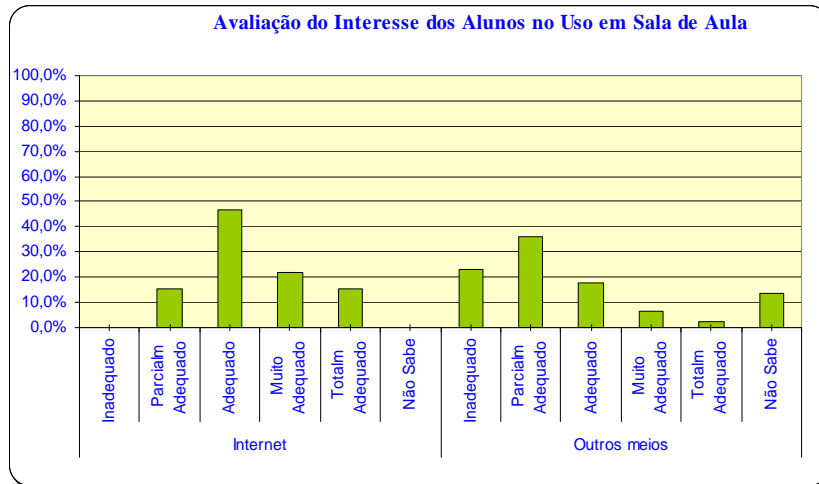


Gráfico 8 – Avaliação do Interesse dos Alunos no uso em Sala de Aula dos meios de Conhecimento.

Na **Q8**, onde foi perguntado *como o professor percebe o interesse dos alunos no uso da internet em sala de aula em comparação com outros meios de conhecimento*, no quesito internet Parcialmente Adequado e Adequado somam 63% e Muito Adequado e Totalmente Adequado 37%; em comparação com outros meios Parcialmente Adequado e Adequado somam 54% e Muito Adequado e Totalmente Adequado 9%. Já 23% das respostas foram para a opção Inadequado. Torna-se notório na percepção do professor o alto interesse do aluno no uso da internet. Isto pode ocorrer por conta do acesso mais facilitado ao meio ou mesmo por uma habilidade telemática muito mais desenvolvida nos jovens, o que corrobora as escolhas dos professores dadas na **Q7**.

5 CONCLUSÃO

A ação de compartilhar conhecimento pode não ser tão simples quanto parece, tanto de um lado (quem compartilha) quanto do outro (quem recebe).

Davenport (1998) defende que o modo como as pessoas lidam com a informação tem o nome de comportamento informacional que inclui a busca, o uso, o compartilhamento, o acúmulo e o descarte da informação. Os professores entendem de que os alunos talvez estejam mais interessados em outros formatos de estudo, principalmente a internet.

A utilização da internet aplicada ao ensino, mais precisamente o uso do computador em sala de aula, requer, por parte dos professores, atitudes de aceitação e incorporação deste recurso, que pode transformar-se em excelente instrumento de incentivo à aprendizagem e ao compartilhamento do conhecimento.

A internet deve ser trabalhada num novo sentido, ou seja, de forma contextualizada, a partir de uma concepção teórica norteadora, que aponte de forma significativa as ações do aluno, em se tratando da utilização das tecnologias de informação e comunicação no ensino e na aprendizagem.

O envolvimento, a familiarização com a máquina e a absorção dessa tecnologia no ambiente educacional, são processos que, ao ocorrer, tendem a gerar grandes resistências, considerando a universidade como instituição cuja estrutura de funcionamento encontra-se consolidada em práticas e procedimentos já há muito solidificados em comportamentos, atitudes e ações sedimentadas na reprodução, num modelo fortemente calcado na tautologia (repetição, falsa demonstração).

Encontra-se diante de um problema que aponta resoluções no sentido de capacitar os profissionais do ensino para atuar diante desses e de outros novos desafios educacionais oriundos da utilização das TIC's no processo de ensino-aprendizagem.

Entende-se que a utilização dos recursos tecnológicos com fins educativos devam ser fundamentados em pressupostos teóricos e metodológicos do ponto de vista pedagógico para que a aprendizagem e o compartilhamento do conhecimento não ocorra apenas, na relação computador e aluno, de forma fragmentada, mecânica e robotizada, ao contrário, deve se dar no âmbito pedagógico.

Sabe-se que a dinâmica da sociedade, através dos avanços tecnológicos contribui para traçar novas pesquisas, estabelecer modelos e estimular participações na área educacional. Neste sentido, a internet é um dos maiores avanços a serem explorados, pois há muito a se buscar, sendo necessário um aprofundamento teórico-metodológico que embase as ações e fundamente a prática.

Através das respostas e avaliações deste estudo, percebe-se com nitidez a importância que os alunos, na ótica dos professores, dão a ferramenta internet.

E esta é uma ação sem volta. Com a popularização das tecnologias da informação e da comunicação e, especialmente, com a convergência das várias tecnologias, a internet torna-se o epicentro de todo um comportamento baseado na tecnologia. Como os jovens já nasceram envolvidos nesta tecnologia, é de se imaginar que a busca por informações, a leitura e o desenvolvimento do conhecimento, se dê baseado no seu mundo, o mundo onde a tecnologia impera.

Ao mesmo tempo, não houve crítica mais severa quanto ao uso da internet pelos alunos em sala de aula, com uma ressalva em relação a credibilidade das informações, algo que também pode ocorrer com artigos e livros, apenas não na intensidade que a internet permite.

Sobre este aspecto, é interessante notar que também ele, professor, busca uma parte considerável dos seus conhecimentos na internet, considerando-se a qualidade deles. Logo, mesmo que pertencente a uma geração diferente, os professores se rendem às facilidades, rapidez e capacidade de busca da ferramenta.

Por último, é interessante notar que alguns hábitos típicos da era da internet, como o fato de "zapear" muito rapidamente por vários sites, foram incorporados e compreendidos pelos professores, quando dizem que não há, na sua percepção, muito aprofundamento em sala de aula quando a ferramenta é a internet.

Percebe-se, portanto, que a internet é sim um grande motivador e facilitador da busca de novos conhecimentos, mas que ainda carece de prudência na sua adoção total.

REFERÊNCIAS

BESSANT, J. Kaplinsky e LAMMING, R.. **Using supply chains to transfer learning about best practices**. Brighton: Brighton University, 1999.

COOPER, Donald R.. **Métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

DAVENPORT, Thomas H.. **Conhecimento empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

EASTERBY-SMITH, M.; BURGOYNE, J. e ARAÚJO, Luis (org.). **Aprendizagem organizacional e organização de aprendizagem: desenvolvimento na teoria e na prática**. São Paulo: Atlas, 2001.

FLEURY, Maria T. L. e OLIVEIRA, Moacir de Miranda (org.). **Gestão Estratégica do Conhecimento**. São Paulo: Atlas, 2001.

HARVARD BUSINESS REVIEW BOOK. **Aprendizagem Organizacional**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

MINAYO, Maria C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996

NONAKA, Ikujiro, e TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de Conhecimento na Empresa**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

O'TOOLE, James e BENNIS, Warren G..

<http://www.gestaoenegocios.tv/moodle/course/category.php?id=7>. **Quem consegue estabilidade? Como a escola perdeu o rumo**. acesso em 12 de setembro de 2006.

ROSSATTO, Maria Antonieta. **Gestão do Conhecimento: a busca da humanização, transparência, socialização e valorização do intangível**. Rio de Janeiro: Interciência, 2003.

SENGE, P. M.. **A quinta disciplina: arte, teoria e prática da organização de aprendizagem**. São Paulo: Ed. Best Seller, 1990.

SILVA, Ricardo V. e NEVES, Ana (org.). **Gestão de Empresas na Era do Conhecimento**. São Paulo: Serinews, 2004.

TERRA, José C.C.. **Gestão do Conhecimento: o grande desafio empresarial**. São Paulo: Negócio Editora, 2001.

TERRA, José C. C. (org.). **Gestão do Conhecimento e E-learning na Prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

TRIVINOS, Augusto N. S.. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Ed. Atlas, 1992.

VIRILIO, Paul. **A arte do motor**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.